



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Após Copom subir o tom, ata da reunião e IPCA estarão no foco da semana

As atenções do mercado estarão voltadas para a ata da reunião do Copom, após o Colegiado sinalizar que vai postergar o corte de juros. O comunicado pós-reunião trouxe uma mensagem mais dura que a esperada pelo mercado, sinalizando que deve manter a Selic estável por mais tempo diante do aumento dos riscos fiscais e ruídos de comunicação que tem gerado desancoragem das expectativas. A Ata da reunião, que será divulgada nesta terça (7), pode fazer algum ajuste na comunicação do colegiado e ainda, explorar melhor os fatores que levaram ao aumento das expectativas de inflação pela instituição.

O mercado também estará atento aos números da inflação (IPCA) de janeiro, que será conhecido na quinta (9). A expectativa é de alta de 0,56% no mês, pressionada por itens reajustados no início do ano, como IPVA, TV por assinatura, gás encanado, dentre outros. Em 12 meses, o índice deve ficar praticamente estável, em 5,81% (ante 5,79%), embora com expectativa de continuidade da acomodação das medidas de núcleo. Ainda, a FGV divulga o IGP-DI de janeiro na terça (7), com projeção de alta de 0,30%, com descompressão dos preços no atacado, fato que pode contribuir para a acomodação da inflação neste 1º semestre.

A semana também traz dados de atividade, que podem mostrar alguma melhora em dezembro. O IBGE divulga os números do varejo e do setor de serviços, na quinta (09) e na sexta (10), respectivamente, que devem mostrar alguma melhora no mês, após números fracos em outubro e novembro. A projeção para o varejo (ampliado) é de alta de 0,8%, enquanto os serviços devem crescer 1,0%. Apesar de positivos, os indicadores não devem alterar a leitura de desaceleração da atividade no último trimestre de 2022, embora ainda suficiente para garantir uma expansão de 3,0% do PIB no ano.

Na agenda corporativa, a semana dá sequência às divulgações dos resultados do setor bancário do 4T22. Os analistas estarão especialmente atentos aos gastos com PDD, diante do aumento da inadimplência da carteira destinada às famílias e do pedido de recuperação judicial das Lojas Americanas. O Itaú inicia a semana de divulgação amanhã (7), com o consenso projetando lucro de R\$ 8,1 bi no trimestre (estável no trimestre e crescimento de 12,9% ante o 4T21). O Banco Pine divulga no mesmo dia (7), seguido do Banco Pan e do ABC na quarta (8), e finalizando com o Bradesco na quinta (9). Para o Bradesco, instituição potencialmente mais afetada pelos problemas citados acima, o consenso estima lucro de \$ 3,9 bi (-24,5% ante o tri anterior e -40,3% ante o 4T21). O quadro abaixo traz as datas e as expectativas de lucro dos bancos de capital aberto que divulgarão seus resultados ao longo da semana.

A agenda internacional é bastante enxuta, com os investidores atentos ao novo pronunciamento do presidente do Fed, Jerome Powell, que ocorrerá na terça (7). Dentre os indicadores, na China serão divulgados na quinta (9) os dados de inflação de janeiro. Nos EUA, serão conhecidas informações de confiança e crédito.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T22 e 2022

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T22 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2022	Var. % no Ano
Itaú	07/fev	8.081	0,0%	12,9%	31.199	16,1%
Pine	07/fev	-	-	-	-	-
Pan	08/fev	211	23,3%	10,9%	747	-3,5%
ABC	08/fev	214	-1,9%	32,1%	817	42,8%
Bradesco	09/fev	3.945	-24,5%	-40,3%	23.030	-12,1%

Fonte: RI dos bancos.
Projeção: Bloomberg.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
06/fev	Anfavea: Produção de Veículos	Jan/23	-	-9,2% a/a
07/fev	BCB: Ata da Última Reunião do Copom	-	-	-
07/fev	FGV: IGP-DI	Jan/23	0,30% m/m 3,30% a/a	0,31% m/m 5,03% a/a
09/fev	IBGE: IPCA	Jan/23	0,56% m/m 5,81% a/a	0,62% m/m 5,79% a/a
09/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio	Dez/22	0,8% m/m 0,3% a/a	-0,6% m/m -1,4% a/a
10/fev	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços	Dez/22	1,0% m/m 3,9% a/a	0,0% m/m 6,3% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
06/fev	Zona do Euro	Vendas no Varejo	Dez/22	-2,5% m/m	0,8% m/m
07/fev	EUA	Crédito ao Consumidor	Dez/22	US\$ 25,0 bi	US\$ 28,0 bi
08/fev	EUA	Estoques no Atacado	Dez/22	0,1% m/m	0,9% m/m
09/fev	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/23	2,2% a/a	1,8% a/a
09/fev	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Jan/23	-0,4% a/a	-0,7% a/a
10/fev	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Fev/23 – prévia	65,0 pts	64,9 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom sinaliza manutenção da taxa Selic por tempo prolongado

O Copom manteve a taxa Selic estável em 13,75% aa, como amplamente esperado e indicou que deve manter a taxa de juros no atual patamar por mais tempo, diante do aumento dos riscos fiscais e desancoragem das expectativas.

Em relação à conjuntura, o Comitê trouxe uma avaliação mais positiva do cenário externo, diante da maior resiliência da atividade global e reabertura da economia chinesa, apesar da inflação ainda elevada e continuidade do ciclo de aperto monetário. No quadro doméstico, manteve a avaliação de perda de ímpeto da atividade, mas com a inflação ainda elevada, embora com algum arrefecimento na margem.

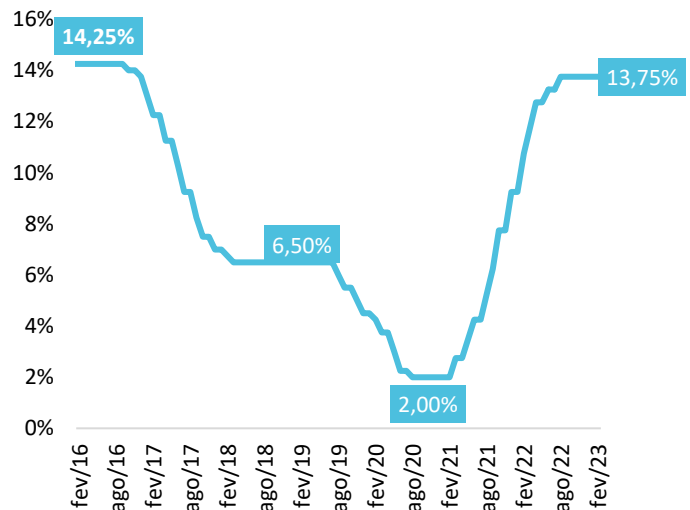
Em seu cenário de referência, que leva em consideração a trajetória da taxa Selic esperada pelo mercado (Focus), suas projeções de inflação aumentaram ante a reunião anterior, para 5,6% em 2023 (ante 5,0%) e para 3,4% para 2024 (ante 3,0%), acima da meta (3,0%) definida pelo CMN. Assim, a instituição também divulgou um cenário alternativo, que mantém a Selic estável ao longo de todo o horizonte. Neste caso, as projeções se situam em 5,5% para 2023 e em 2,8% para 2024. Ou seja, se a Selic recuar para 12,5% no final deste ano, como esperava até então o mercado, a inflação deve voltar a superar a meta em 2024. Com isso, o Copom sinalizou que, para cumprir a meta do próximo ano, o juro deve ficar estável por mais tempo, possivelmente ao longo de todo o ano de 2023.

A elevação das projeções reflete as incertezas no âmbito fiscal e ruídos de comunicação do novo governo, que têm sugerido elevar as metas de inflação, desancorando as expectativas, inclusive em horizontes mais longos. Para o Comitê, tal conjuntura eleva o custo de desinflacionar a economia e demanda maior atenção na condução da política monetária. Assim, a tendência é que as expectativas para a taxa Selic subam para 13,75% aa no fim deste ano. Para reverter tal cenário, o governo precisa propor (e aprovar) um arcabouço fiscal crível, que indique sustentabilidade das contas públicas.

Em relação à atividade, a produção industrial ficou estável (0,0%) em dezembro, fechando 2022 com queda de 0,7%. Com isso, o setor recuou 0,5% no último trimestre de 2022, reforçando a leitura de arrefecimento da atividade no período. No mês, houve avanço em 3 das 4 grandes categorias: bens de capital (+1,8%), duráveis (+4,1%) e não duráveis (+3,2%); mas queda entre os intermediários (-2,1%), a categoria de maior peso.

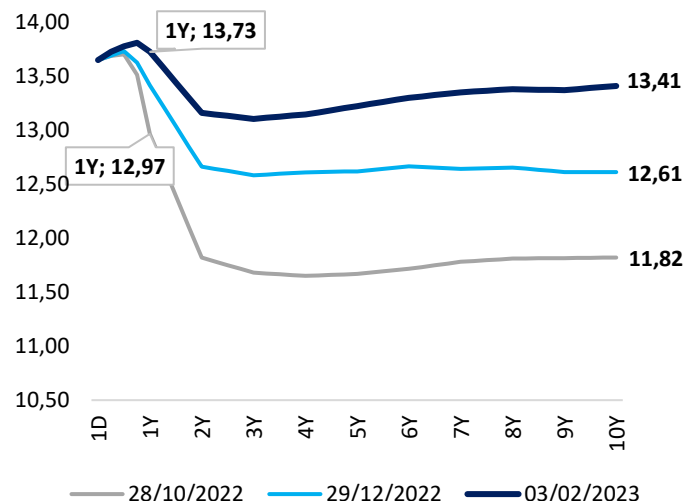
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic – em % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros – Futuro do DI (em % aa)



Fonte: Bloomberg

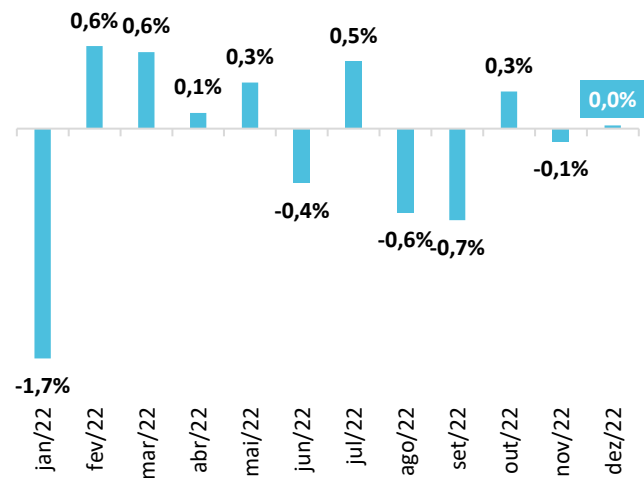
Por outro lado, no trimestre, apenas a categoria de bens de consumo não duráveis (+0,5%) avançou, enquanto as demais recuaram. No ano, todas apresentaram resultado negativo, sendo o mais intenso na indústria de bens de consumo duráveis (-3,3%), afetada pela escassez de insumos (semicondutores) no início do ano, e posteriormente, pelo encarecimento do crédito.

Para 2023, a necessidade de manutenção da taxa Selic elevada por mais tempo deve continuar exercendo impacto negativo no setor, em especial na indústria de bens de capital e duráveis. Por outro lado, a ampliação dos estímulos fiscais (Bolsa Família) pode beneficiar a indústria de bens não duráveis, enquanto a flexibilização da política de Covid-zero na China pode trazer algum impulso na indústria extrativa (bens intermediários).

Embora ainda positivos, os dados do mercado de trabalho sinalizam uma perda de ritmo das contrações formais no final de 2022, em linha com o arrefecimento da atividade. O Caged registrou fechamento líquido de 431,0 mil vagas com carteira assinada em dezembro. O resultado negativo é típico (sazonal) para o mês, em função da demissão de temporários contratados para os eventos de final de ano, mas a desaceleração das contratações (ainda que descontando os efeitos sazonais) tem se mostrado disseminada entre os setores, principalmente nos serviços, que foi impulsionado no início do ano pela reabertura das atividades. Apesar disso, foram geradas 2 milhões de vagas formais em 2022 (ante 2,8 milhões em 2021), um número bastante positivo, contribuindo para a continuidade do quadro de recuperação do emprego formal no país, cujo estoque de trabalhadores nesta categoria já se encontra acima do nível pré-pandemia (42,7 milhões ante 38,1 milhões). Em 2023, a geração de empregos deve ser mais modesta, mas ainda positiva (entre 500 mil a 1 milhão).

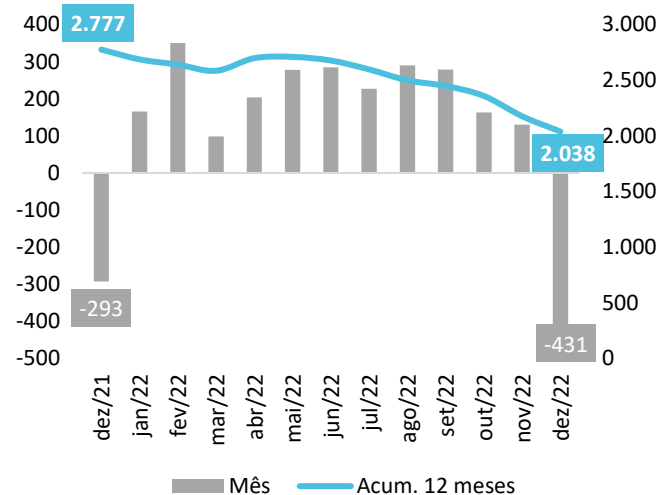
No âmbito fiscal, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 11,8 bi em dezembro, encerrando 2022 com superávit de R\$ 126,0 bi (1,3% do PIB). Houve uma piora relevante em dezembro, comparando com dez/21, quando o setor público registrou um ligeiro superávit de R\$ 0,1 bi, com redução do resultado tanto no governo central (de R\$ 13,9 bi para R\$ 6,2 bi), como entre os Estados e municípios (de R\$ -12,8 bi para R\$ -18,6 bi). No caso dos entes regionais, estes têm apresentado uma deterioração de seus resultados desde o início do segundo semestre, devido à redução da alíquota do ICMS sobre os combustíveis e a energia elétrica. Ainda assim, no ano, os Estados e municípios deram a maior contribuição para o resultado, com um superávit de R\$ 64,9 bi, acima do superávit do governo central (R\$ 54,9 bi).

Quadro 3: Produção Industrial – Var. % mensal



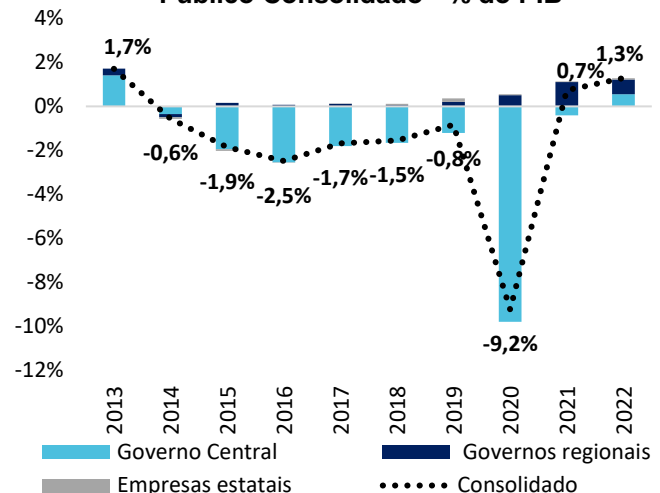
Fonte: IBGE

Quadro 4: Caged - Geração de Vagas Formais Saldo ajustado – em milhares



Fonte: Caged

Quadro 5: Resultado Primário do Setor Público Consolidado - % do PIB



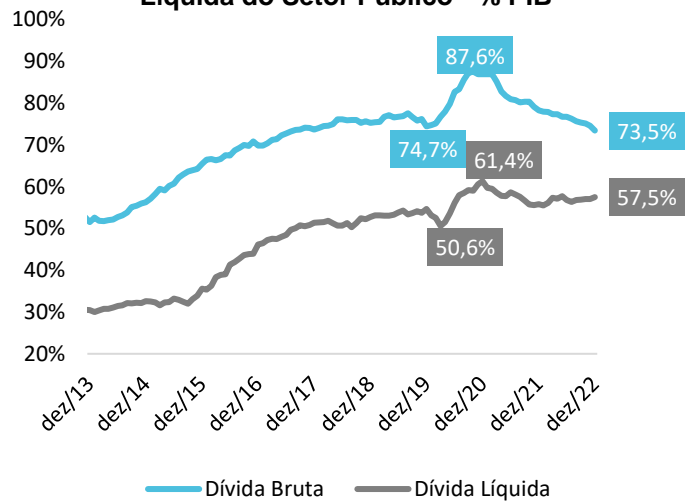
Fonte: BCB

Os gastos com juros, por sua vez, atingiram R\$ 582,4 bi (6,0% do PIB), impulsionados pelo aumento da taxa Selic. Com isso, apesar do superávit primário, houve um déficit nominal de R\$ 460,4 bi (4,7% do PIB). Ainda assim, a dívida bruta caiu ao longo do ano, saindo de 78,3% do PIB (em dez/21) para 73,5% do PIB, menor nível desde julho de 2017. A dívida líquida, por sua vez, subiu de 55,8% para 57,5% do PIB, devido à apreciação cambial e abertura da curva de juros nos EUA, que reduziu o valor das reservas internacionais brasileiras em reais.

Em 2023, o setor público deve voltar a registrar déficit primário, estimado em 1,1% do PIB, fato que deve levar a dívida bruta para 79,0% e a líquida para 61,4% do PIB, segundo o boletim Focus.

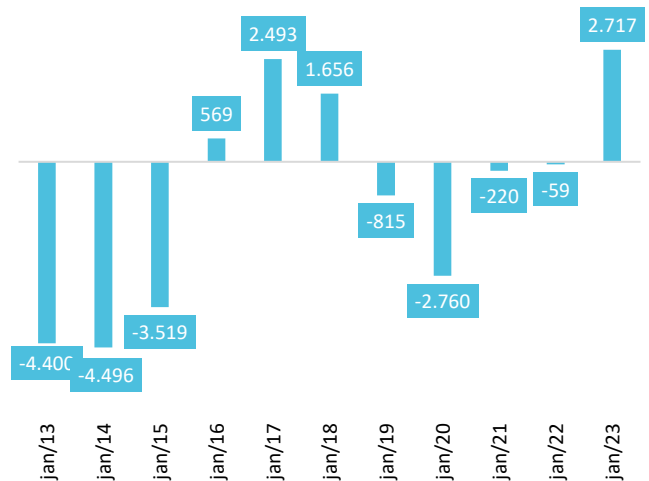
No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 2,7 bilhões em janeiro, revertendo o déficit de US\$ 59 mi em jan/22. Foi o melhor resultado para o mês desde 2006, refletindo o aumento das exportações (+11,7%) que atingiram US\$ 23,1 bi, recorde da série histórica (desde 1994) para janeiro. A alta foi puxada pela indústria extrativa (+22,3%), em função da maior exportação de petróleo (+45,6%). Ao mesmo tempo, favorecendo o incremento do saldo, também foi registrada queda de 1,7% nas importações, diante da redução das compras de combustíveis (-36,7%), especial gás natural (-90,0%). Por ora, o mercado estima um superávit de US\$ 58,0 bi em 2023 (ante US\$ 61,7 bi em 2022), mas o viés é de alta, dada à retomada da economia chinesa.

Quadro 6: Dívida Bruta do Governo Geral e Líquida do Setor Público - % PIB



Fonte: BCB

Quadro 7: Saldo Comercial – Meses de Janeiro – Em US\$ mi



Fonte: Secex.

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Payroll surpreende e frustra mercado ao indicar que aperto do Fed deve ir além do esperado

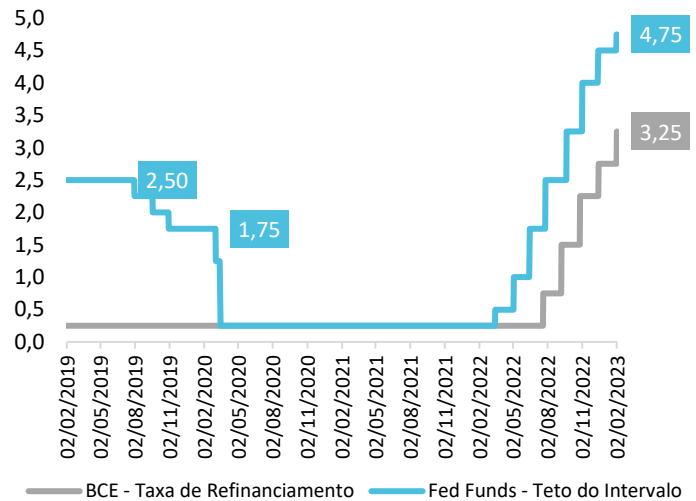
A semana foi movimentada em função das diversas reuniões de política monetária dos principais BCs do mundo, que culminaram com mais uma rodada de altas dos juros: Fed (+0,25 pp), BCE (+0,5 pp) e BoE (+0,5 pp). Ainda assim, as principais bolsas dos EUA subiram na semana, sustentadas pelo discurso “dovish” do presidente do Fed, Jerome Powell, que afirmou que o processo de desinflação começou. Entretanto, o mercado de trabalho deu novos sinais de força no fim da semana, arrefecendo um pouco o otimismo dos agentes, sugerindo que tal cenário deve demandar uma postura mais dura do Fed.

Conforme esperado, o Fed subiu as *Fed Funds Rate* em 0,25 pp, reduzindo o ritmo do aperto monetário (ante alta de 0,5 pp) e levando os juros para o intervalo entre 4,50% a 4,75% aa. Na coletiva de imprensa, Powell deixou em aberto o término do ciclo de aperto monetário, mas afirmou que ainda não vê como apropriado um corte dos juros neste ano. Além disso, reforçou que gostaria de observar um arrefecimento maior no mercado de trabalho.

Contudo, os dados do *payroll* surpreenderam consideravelmente ao mostrar criação de 517 mil postos de trabalho em janeiro ante expectativa de 185 mil. O resultado levou a taxa de desemprego para 3,4% (ante 3,5%), o menor patamar desde 1953, sinalizando que o mercado de trabalho ainda está bastante aquecido. Por outro lado, os ganhos salariais desaceleraram, ao subir 4,4% (base anual) ante 4,8% em dez/22. Diante de tal conjunto de informações, a ferramenta CME Group indica que os agentes precificam mais duas altas de 0,25 pp (março e maio), resultando em uma expectativa de taxa entre 5,0% a 5,25% aa no fim do ciclo de alta dos juros nos EUA.

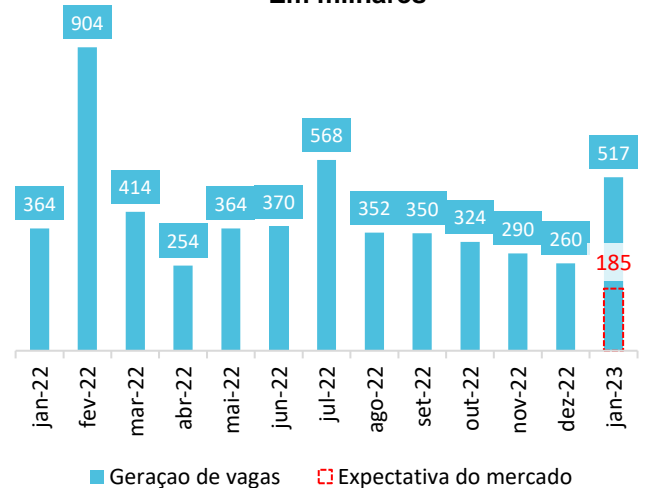
Na Europa, o BCE manteve o ritmo de aperto monetário (+0,50 pp), levando os juros para o intervalo entre 2,5% a 3,25%. A presidente da instituição, Christine Lagarde, afirmou que os juros devem ser levados a territórios suficientemente restritivos, já antecipando uma nova alta de mesma magnitude no próximo encontro do colegiado, dado que a inflação ainda se encontra muito elevada na região. Apesar das declarações mais duras, a prévia da inflação de janeiro trouxe números relativamente positivos. O CPI desacelerou mais que o esperado, atingindo 8,5% em base anual (ante 9,2% dez/22), abaixo da expectativa de uma alta 9,0%. Além disso, o PIB do 4T22 do bloco surpreendeu ao registrar uma ligeira alta 0,1% no período (ante expectativa de queda de 0,1%), dado o inverno mais ameno na região. Com isso, o PIB da região cresceu 3,5% em 2022, impulsionado pela normalização das atividades.

Quadro 8: Fed Funds Rate (Fed) e Taxa de Refinanciamento (BCE) – Em % aa



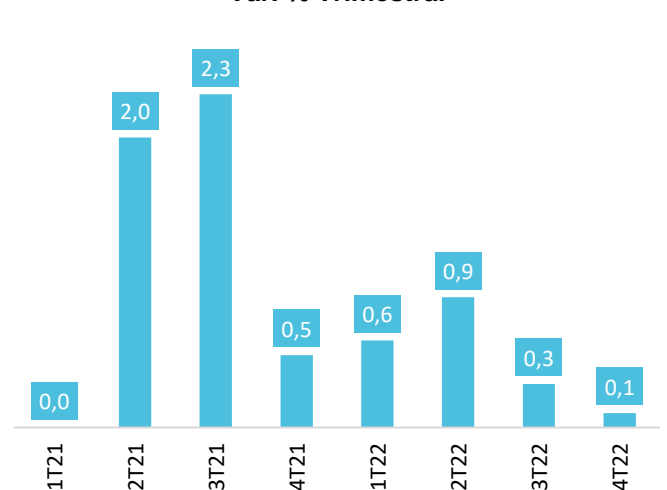
Fonte: Bloomberg

Quadro 9: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: Zona do Euro – PIB Var. % Trimestral



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2022 Santander

CRÉDITO / BANCOS

O Santander registrou um lucro líquido gerencial de R\$ 1,7 bilhão no 4º trimestre de 2022, o que corresponde a uma forte queda tanto no comparativo anual (-56,5%) como trimestral (-45,9%), e abaixo do esperado pelo mercado (R\$ 2,8 bi). Com isso, a IF apresentou um ROE de apenas 8,3% no período. A piora no desempenho refletiu o cenário macroeconômico mais desafiador, decorrente, especialmente, do aumento dos gastos com PDD (+18,6% ante o 3T22), devido ao aumento da inadimplência na carteira destinada às famílias e em função de um evento específico no Atacado, que o mercado subentendeu como o caso das Lojas Americanas. Outro ponto negativo foi a queda na margem com clientes (-2,6%) devido à redução do spread médio (-0,5 pp), segundo o banco refletindo a maior seletividade na concessão do crédito e opção por linhas mais seguras. Também pesou a elevação das despesas (+6,3%), em especial as administrativas (+7,5%). Do lado positivo, as receitas com serviços e tarifas subiram 7,2% no trimestre, com a melhora em produtos como seguros (+23,0%) e cartões (+7,2%).

No acumulado de 2022, o banco registrou um lucro líquido gerencial de R\$ 12,9 bi, queda de 21,1% ante 2021. A rentabilidade (ROAE) ficou em 16,3% no ano, caindo 4,9 pp no mesmo comparativo. A piora do resultado também decorre da alta dos gastos com provisão (+72,7%), e em menor proporção, da queda da margem bruta (-6,8%) em função das perdas na margem com o mercado (R\$ -4,2 bi, ante ganhos de R\$ 9,8 bi em 2021), impactada pela forte alta na curva de juros ao longo de 2022. Tal queda não foi compensada pela alta (+22,4%) da margem com clientes, impulsionada tanto pelo aumento do volume de crédito (+7,9%), como por um maior *spread* médio (+0,9 pp), devido a um mix de produtos mais arriscado. Por outro lado, as receitas com serviços subiram 2,3%, enquanto as despesas cresceram 7,0%.

A carteira de crédito ampliada do Santander cresceu 6,7% no ano, terminando 2022 em R\$ 572,7 bi. A alta foi puxada pela carteira de pessoas físicas (+8,4%), cujo destaque foi a expansão do crédito pessoal consignado (+11,9%) e não consignado (+11,6%). Já a carteira PJ subiu 4,4% no ano, impulsionada pelo crédito destinado às pequenas e médias empresas (+7,5%). A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) chegou a 3,1%, com alta de 0,1 pp no trimestre e de 0,4 pp no ano. No trimestre, a inadimplência PF ficou estável em 4,3%, enquanto houve alta de 0,1 pp (para 1,4%) na carteira PJ. Por outro lado, no ano, a deterioração do indicador foi causada principalmente pela carteira PF (de 3,6% para 4,3%), uma vez que para PJ o indicador ficou praticamente estável (de 1,3% para 1,4%).

Por fim, vale destacar que o banco não divulgou seu *guidance* para 2023, mas sinalizou que espera crescer dois dígitos na carteira de crédito voltada para o agronegócio, habitação e consignado, linhas que possuem risco e *spread* menores, de modo a conter a alta da inadimplência.

Quadro 11: Resultado 2022 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	2021	2022	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	963.376	1.048.518	8,8%
TVM	248.796	227.359	-8,6%
Depósitos	403.640	420.929	4,3%
Patrimônio Líquido	78.740	82.062	4,2%
DRE¹			
Margem Financeira Bruta	55.617	51.827	-6,8%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-13.856	-23.930	72,7%
Receitas de prestação de serviços e tarifas	18.879	19.308	2,3%
Despesas de pessoal	-9.130	-10.086	10,5%
Despesas administrativas	-12.082	-12.619	4,4%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-9.726	-4.869	-49,9%
IR/CSLL	-8.551	-2.326	-72,8%
Lucro/Prejuízo do período ²	16.347	12.900	-21,1%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	21,2%	16,3%	-4,9 p.p.
ROAA	1,7%	1,3%	-0,4 p.p.
Índice de eficiência	35,3%	36,9%	1,6 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito	462.749	489.687	5,8%
PF	208.787	226.302	8,4%
PJ	187.191	195.415	4,4%
PMEs	61.446	66.080	7,5%
Grandes empresas	125.744	129.336	2,9%
Financiamento ao consumo	66.771	67.970	1,8%
Carteira de crédito ampliada ³	536.470	572.663	6,7%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	27.131	34.453	27,0%
Provisão adicional de PDD	4.592	2.291	-50,1%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	1,3%	0,6 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,1%	6,0%	1,0 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,7%	3,1%	0,4 p.p.
Cobertura > 90 dias	220,0%	230,1%	10,1 p.p.
Índice de Basileia	14,9%	13,9%	-1,0 p.p.

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2022				2023			
	03/02/23	27/01/23	06/01/23	Viés	03/02/23	27/01/23	06/01/23	Viés
IPCA (%)	5,78	5,74	5,36	▲	3,93	3,90	3,70	▲
PIB (% de crescimento)	0,79	0,80	0,78	▼	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,50	12,25	↔	9,75	9,50	9,25	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,25	5,25	5,28	↔	5,30	5,30	5,30	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	03/02/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,13	1,24%	-2,79%	-2,79%	-2,92%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	221,64	-7,17%	-12,76%	-12,76%	1,81%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,66	0,02%	0,03%	0,03%	27,07%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,79	2,64%	2,54%	2,54%	16,29%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,22	3,14%	4,61%	4,61%	20,61%
Índice Ibovespa (em pontos)	108.523,47	-4,95%	-1,10%	-1,10%	-2,84%
IFNC (setor financeiro)	10.030,37	-3,98%	-2,18%	-2,18%	-5,38%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,75	5,56%	5,56%	5,56%	1800,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,29	2,13%	-3,10%	-3,10%	258,61%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,52	0,60%	-9,04%	-9,04%	92,54%
Dollar Index	102,92	0,97%	-0,59%	-0,59%	7,90%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.136,48	1,62%	7,73%	7,73%	-7,62%
Índice de ações de bancos – EUA	122,11	6,49%	7,03%	7,03%	-5,23%
Índice Euro Stoxx 50	4.257,98	1,91%	12,24%	12,24%	2,82%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	111,69	2,30%	16,51%	16,51%	1,11%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	79,94	-7,75%	-6,95%	-6,95%	-12,26%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira